

ROSANE DE MELLO SANTO NICOLA (ORG.)

PREFÁCIO DE GABRIEL PERISSÉ

POSFÁCIO DE VANDR ELIAS

ENTALADOS

SOBRE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

PUCPRESS 



EVE FERRETI

EVE FERRETTI

Graduada em Comunicação Visual pela UFSC. Estudou teatro e pintura durante vários anos e há nove vem realizando trabalhos de ilustração para várias editoras de renome nacional. Dentre os livros que ilustrou, estão *Que saudades de você* e *O guia de viagem Buenos Aires com crianças*. Já participou de diversas exposições coletivas e organizou uma individual, chamada *Vida de Criança*, que ficou em exibição em Curitiba e no Rio de Janeiro. Em dezembro de 2011, criou a programação visual e as ilustrações para o curta-metragem *Encantado*, do diretor Guilherme Tensol. Seu trabalho mais recente foram as ilustrações para o livro *Preguiça, coragem e outros bichos*. Recebeu menção honrosa no Concurso Literário João-de-Barro (Belo Horizonte), em 2014, pelo livro *Moscas e outras memórias*, em parceria com Fabíola Werlang.

ROSANE DE MELLO SANTO NICOLA (ORG.)

Prefácio de Gabriel Perissé

Posfácio de Vanda Elias



SOBRE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

PUCPRESS 

Curitiba

2014

© 2014, Rosane Mello de Santo Nicola e outros
2014, PUCPress

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito do Editor.

Conselho Editorial

Alceu Souza
Eduardo Biacchi Gomes
Elisângela Ferretti Manffra
Elizabeth Carvalho Veiga
Lorete Maria da Silva Kotze
Lucia Teresinha Peixe Maziero
Mônica Panis Kaseker
Ruy Inacio Neiva de Carvalho
Sérgio Rogério Azevedo Junqueira

Editora Universitária Champagnat

Direção: Ana Maria de Barros
Editora-chefe: Rosane de Mello Santo Nicola
Editor de Arte: Felipe Machado
Capa, projeto gráfico e diagramação: Robert Garais
Revisão de texto e normas: Debora Carvalho Capella
Impressão: Maxi Gráfica

Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 – Prédio da Administração – 6º andar
Câmpus Curitiba – CEP 80215-901 – Curitiba (PR)
Tel. (41) 3271-1701
editora.champagnat@pucpr.br – www.editorachampagnat.pucpr.br

N634e Nicola, Rosane de Mello Santo
Ensaios sobre docência universitária / Rosane de Mello Santo
Nicola. – Curitiba : PUCPress, 2014.
224 p.; 21 cm.

ISBN 978-85-68324-04-2

1. Ensaios. 2. Docência universitária. 3. Escrita.
4. Formação continuada. I. Título.

CDU: 378.12

Catálogo na publicação elaborada pela Bibliotecária
Neide Maria Jardinette Zaninelli / CRB-9/884.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	9

PARTE I – VISÕES DO PROFESSOR

PROFISSÃO: PROFESSORA ELISANGELA FERRETTI MANFRA	15
---	----

ESCREVER É MULTIPLICAR A AULA MARCELO PÚBLIO	27
---	----

A PESSOA DO PROFESSOR E SEU DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL SIMONE DE MIRANDA	37
---	----

APRENENDO A ENSINAR LEANA CAROLINA FERREIRA	47
--	----

NÓS, PROFESSORES DE DIREITO, SOMOS REALMENTE EDUCADORES? CHRISTIANO SOUZA NETO	57
---	----

DILEMAS DE UMA PROFESSORA DIANTE DO DESAFIO DE FORMAR “GENTE BOA” ILDA LOPES WITIUK	69
--	----

A RECONSTRUÇÃO DO “EU” PROFESSOR MARCOS JOSÉ ZABLONSKY	81
---	----

CHAMADA PARA QUÊ? MARCELO CABRAL JAHNEL	93
--	----

PROFESSORES QUE ESCREVEM ROSANE DE MELLO SANTO NICOLA	103
--	-----

PARTE II – MÚLTIPLOS SABERES E MÚLTIPLAS PRÁTICAS

A INTERCOMPLEMENTARIDADE DE SABERES NA PRÁTICA DOCENTE: A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO - ERMELINA G. BONTORIN THOMACHESKI	115
CRIATIVIDADE: O AVESSE DO AVESSE DO AVESSE HAROLDO SILVA CAPOTE FILHO.....	125
LONGE DOS OLHOS, PERTO DO CORAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA COM O USO DE AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM - MÁRCIA RAPACCI	135
A ARTE DE CAMUFLAR A MATEMÁTICA: ENSINANDO PROGRAMAÇÃO PARA DESIGNERS – BRUNO CAMPAGNOLO DE PAULA	145
PEDAGOGIA HOSPITALAR: A EDUCAÇÃO QUE ACONTECE ALÉM DOS “MUROS DA ESCOLA” - JACQUES DE LIMA FERREIRA	157
USO DE ANALOGIAS NAS AULAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL JÚLIO CESAR NIEVOLA	167
ABSTRAIR: EIS A QUESTÃO! DEBORAH RIBEIRO CARVALHO.....	179
ENSAIO SOBRE A SURDEZ: OS NATIVOS DIGITAIS EM SALA DE AULA MÔNICA KASEKER.....	191
UM ENSAIO À LOUCURA: ORIENTAÇÃO A TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO ZELY BATISTA BARBOSA	201
POSFÁCIO	213
SOBRE OS AUTORES	215

PREFÁCIO – VIVER, ESCREVER E ESCREVIVER

Nós somos aquilo que escrevemos? Em boa parte, sim. Escolhemos as palavras que nos dizem algo, e que dizem algo (muito!), aos outros, sobre quem somos.

Sempre gostei da palavra *ensaio*. É franca, sincera, livre, improvisadora, única. Traz algum risco, mas quem não risca não escreve. Quem não arrisca não descobre seu próprio estilo. No ensaiar já estamos atuando ao vivo. Como ao vivo estão os autores destes *Ensaio sobre docência universitária*, sob a organização da professora Rosane Nicola, que ensaiou/arriscou reunir em torno da palavra professores-escritores da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Os professores que ensaiam escrever sobre o que veem, pensam e sobre o que fazem estão ensaiando novas formas de ensinar. Nas palavras que escolhem, revelam suas escolhas didáticas, sua maneira de exercer a profissão, seu modo de olhar o mundo, de contemplar a paisagem urbana, de conviver com humanos, animais e plantas.

Somos aquilo que escrevemos e, ao mesmo tempo, escrevemos aquilo que queremos ser. Escrever é experiência bidirecional. Ao escrever um texto, faço com que o texto me escreva também. Isso é *escreviver*. Sua palavra é uma nova ordem! Se eu escrevo algo, algo me diz que estou me redefinindo. Ninguém escreve impunemente.

Os escravos da rotina precisam reescrever sua rota. Todas as palavras nos orientam. As linhas são caminhos que abrimos com nossos próprios passos. As entrelinhas indicam roteiros. Escrever não é natural. Não nascemos escritores. Temos de escolher e nos escolher nessas escolhas.

Montaigne, em seus *Ensaaios*, escrevia quem era e o que pensava. E confessou: “escolhi dizer o que sei dizer”. Nada melhor do que um caminhante encontrar seu caminho. Mas trata-se de uma preferência. A felicidade é uma questão de preferência, dizia o filósofo Julián Marías. Caminhante, seu caminho ainda não existe. É preciso sair de si para ensaiar o caminho de ida, e de volta!

Um ilustrador que só desenhava borboletas foi censurado por sua falta de variedade. Mas ele disse que só queria desenhar o que sabia desenhar. Uma limitação não precisa ser limitante. E quem disse que as borboletas não podem aprender novos voos?

Um ensaio pode ter algo de poesia, de autobiografia, de tese e diário, de chiste e achado, de ciência e intuição, de realismo e surrealismo. Ensaaios são balões de ensaio. São tentativas tentadoras. São fatos e artefatos.

O caminho que vai é também o caminho que volta. Ensaizando seus ensaios, os professores voltam a ser o que são, o que querem ser.

Gabriel Perissé¹

¹ Gabriel Perissé é pós-doutor em Filosofia e História da Educação (Unicamp), doutor em Filosofia da Educação (USP), mestre em Literatura (USP) e bacharel em Letras (UFRJ). Atuou como professor universitário e coordenador pedagógico (graduação e pós-graduação) em São Paulo (SP) e publicou mais de 20 livros relacionados a temas como leitura e criatividade, ética, formação docente e didática.

APRESENTAÇÃO

Os ensaios que compõem este livro são oriundos de uma experiência de formação continuada de professores universitários, mais especificamente, um curso de 12 encontros intitulado Oficinas de Formação de Autores Universitários, que reuniu aproximadamente 40 docentes dos mais variados cursos de graduação da PUCPR em 2011.

Cabe destacar o papel do prof. Vidal Martins, então editor-chefe da Editora Universitária Champagnat, que, percebendo o desafio da formação continuada na universidade, propôs essa oportunidade inovadora de formação, aliando língua e docência.

A intenção era instrumentalizar o participante quanto ao trabalho de produção didática e científica de qualidade, tanto para a prática docente no Ensino Superior quanto para a produção editorial como meio de difusão do conhecimento e da cultura. Para tanto, em cada encontro, buscou-se abordar noções gerais sobre concepções de linguagem e suas implicações na formação do sujeito-autor; noções de autoria e plágio na atual cultura digital; mecanismos dos processos textuais nos quais se marcam a prática de autoria; conceito de gêneros textuais e caracterização dos principais gêneros acadêmicos (resumo acadêmico, resenha crítica acadêmica, artigo científico, ensaio científico e gênero didático). Para ministrar cada encontro, diferentes autores e pesquisadores sobre o tema foram convidados, vindos de instituições públicas e privadas de diversos estados do país. E, nos dois últimos, organizou-se um projeto de produção deste livro plúriautoral, do qual nem todos conseguiram participar dada a dificuldade de se conjugarem atividades

acadêmicas de ensino, pesquisa e gestão. Mas todos elaboraram um plano de produção e contribuíram para o projeto.

Para além disso, esses encontros representaram um prazeroso convívio de aprendizagem mútua e de respeito pelos diferentes saberes e pelas áreas de conhecimento que se descortinavam. Houve produtivo diálogo interdisciplinar em que a diversidade de experiências enriqueceu a construção de saberes e as reflexões. Hoje, alguns anos depois, ao nos encontrarmos nas salas dos professores das diferentes escolas onde atuamos, há sempre alguma lembrança saudosista daquelas tardes de formação que deixaram vínculos em nossos discursos e práticas.

Nesse sentido, a reflexão sobre a atividade docente no Ensino Superior, a constante busca por excelência na formação do acadêmico, e ainda, pequenos e grandes dilemas vividos entre o ensino e a pesquisa conduziram os ensaios que se seguem, no exercício mais livre de dizer, para registrar as marcas de subjetividade destes colegas autores.

Quiçá os leitores possam reconhecer nestes ensaios, de caráter provisório e sem maiores pretensões, a realidade que os circunda, já que esse gênero permite livre trânsito entre ciência, arte e filosofia.

Rosane Nicola
Organizadora

PARTE 1

VISÕES DO
PROFESSOR

Porque são as palavras que carregam consigo as proibições, as exigências e as expectativas. E é por isso que o homem não é um organismo, mas este complexo linguístico a que se dá o nome de personalidade.

Rubem Alves

PROFISSÃO: PROFESSORA





PROFISSÃO: PROFESSORA

Elisangela Ferretti Manffra

Um estudante, de forma educada, solicita permissão para fazer uma pergunta. Mediante minha anuência, ele interroga: “Professora, a senhora já trabalhou ou só deu aula?”. Uma ou outra voz recrimina o colega. Lembro que fiquei um pouco desconcertada e respondi que aquele era meu trabalho. As vozes recriminatórias ficam mais fortes e o estudante esclarece: ele gostaria de saber se eu já havia trabalhado como engenheira. Talvez, sendo técnico em telecomunicações, indo a campo todos os dias, ele desejasse saber se sou uma fonte confiável. Ou, simplesmente, se eu havia escolhido a docência por insatisfação com outra carreira pregressa. Nunca vou saber, pois não tive a presença de espírito para indagar seus motivos.

O que ficou ressoando foi a pergunta em si. Não só por ter sido posta naquele dia, em pleno exercício do que considerava ser meu trabalho, mas porque ela já aparecera em outros contextos, formulada de modos mais ou menos sutis. Às vezes, quando partia de pessoas que não gostavam da escola e nunca frequentaram uma universidade, vinha temperada com um pouco de veneno.

Ao responder que sou professora, raramente o interlocutor imagina em primeira mão que me refiro ao Ensino Superior. Uma explicação razoável é a supremacia numérica dos professores do Ensino Fundamental e Médio, em relação aos professores do Ensino Superior, principalmente entre pessoas do gênero feminino. Outra explicação possível é a inquestionável importância dos professores de Ensino Fundamental

e Médio no desenvolvimento de todas as pessoas e seu papel, em certo sentido, mais decisivo que o dos professores de Ensino Superior. Porém, não se pode descartar o fato de que muitos professores de Ensino Superior assim não se declaram porque consideram ser essa sua profissão “secundária”.

Ser professor universitário é, por si só, um ofício, com muitas tarefas, sendo “dar aulas” apenas uma delas. Para bem executar todas elas, é necessário preparo e dedicação que dificilmente poderão ser alcançados na presença de outro ofício concorrente, se não houver distribuição adequada de tempo.

Examinemos, primeiramente, as tarefas associadas à aula. Para que a aula seja um momento de aprendizado, é necessário que o professor se engaje em muitas etapas anteriores a ela. É fundamental que o professor conheça o contexto em que a disciplina se insere no projeto pedagógico e compreenda sua relação com as demais disciplinas do curso. É também fundamental que o professor leia sobre os assuntos relacionados à sua disciplina em várias fontes, incluindo livros, artigos científicos e até mesmo jornais, revistas ou *websites*. É necessário que o professor planeje as atividades que vai desenvolver nas aulas. Para tanto, deve escolher entre muitas possibilidades: explanações, palestras, sessões experimentais, discussões, debates, sessões de resolução de problemas. Uma vez selecionadas as atividades, deve-se prepará-las com cuidado. Por exemplo, para uma aula explicativa, o professor procura uma sequência didática, tenta encontrar bons exemplos e arquitetar formas claras de explicar conceitos complexos. No entanto, a aula explicativa pode não promover o aprendizado se, para os alunos, os conceitos não estiverem devidamente contextualizados e não for possível que eles estabeleçam relações com outros conceitos que já conhecem. Idealmente, então, o professor deveria conhecer os alunos, o contexto em que vivem,

dar-lhes espaço para expressarem seus conhecimentos prévios e ancorar neles os conceitos que deseja ensinar. Isso exigiria idealmente que, após cada aula, o professor analisasse criticamente as atividades realizadas e modificasse o planejamento, para, por exemplo, construir exemplos e arquitetar sequências didáticas mais adequadas a cada turma.

Além de “dar aulas” e das tarefas relacionadas a essa atividade, o professor precisa avaliar o aprendizado dos alunos. Para tanto, é necessário primeiramente escolher a forma de avaliar dentre muitas possíveis: exames, produções de textos, projetos, participação em discussões. Uma vez decidida a forma a ser empregada, é preciso planejar a atividade avaliativa e definir os critérios mínimos para uma nota ou um conceito. Depois da avaliação, o professor precisa analisar os resultados de cada aluno. Após todo o processo, idealmente, o professor precisaria refletir sobre os resultados e identificar possíveis pontos a serem aprimorados: nas aulas e no próprio processo avaliativo que realizou.

Não se pode esquecer, ainda, que o professor idealmente deve ser também educador. Isso envolve o estabelecimento de um vínculo de confiança com os alunos, a capacidade de compreender suas angústias e a transmissão de valores.

Apesar da multiplicidade de tarefas associadas à docência, muitas pessoas, incluindo alguns de nós dentro da universidade, consideram que “só ser professor” é pouco. De onde vem essa crença de que um professor não pode ou não deve ser “apenas” professor? Será que há um fundamento para que assim seja?

Particularmente, a contratação como professora gerou em mim, em um primeiro momento, medo. Medo da reação e da crítica dos alunos, de não desempenhar satisfatoriamente e, principalmente, de deixar de ser pesquisadora. Isso porque

eu considerava que ser pesquisadora era minha “profissão”, o ofício que um dia sonhei exercer e para o qual procurei a preparação durante os longos anos de estudo. Ser professora não era uma escolha, era uma adaptação ao contexto brasileiro, no qual institutos de pesquisa, como aquele do meu doutorado, são escassos. Surpreendentemente, descobri que meus medos eram infundados. Descobri que a sala de aula era um lugar bem menos hostil do que eu imaginei, e que o brilho no olhar de um estudante que, finalmente, compreendeu algo com sua ajuda é bem mais recompensador do que um *paper* publicado. Essa descoberta foi um marco na minha vida. A partir daquele momento, desapareceu a dúvida que eu tinha ao preencher o campo “profissão” em qualquer formulário, como aquele que mandamos para o “Leão” todos os anos. Antes, eu não sabia o que eu era. Passei, então, a saber que eu era “professora do Ensino Superior”.

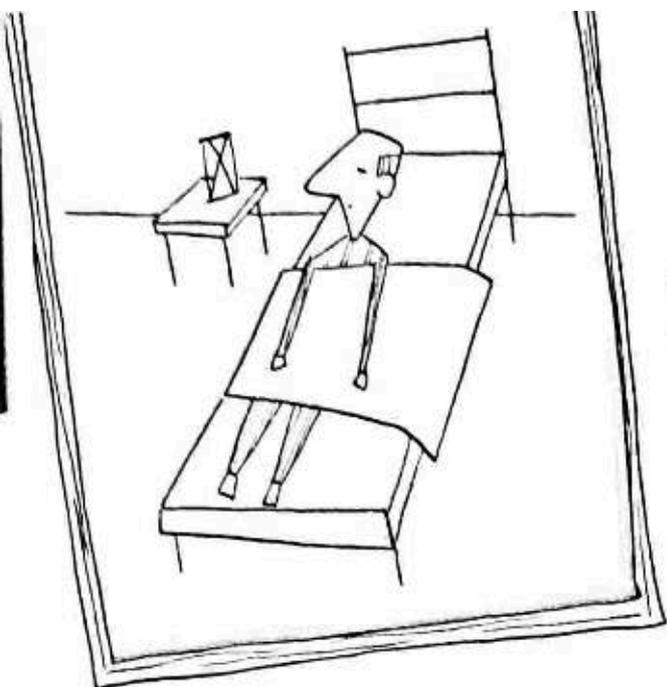
Compreendi um relato que li há muitos anos, segundo o qual César Lattes respondia sempre que era professor quando indagado sobre sua profissão. Apesar de ser um brilhante cientista, quase prêmio Nobel de Física, ele assim fazia por considerar a docência mais importante que a pesquisa.

Não posso negar que, ao me deparar com alunos dotados de vivência prática, como aquele mencionado no início deste texto, sinto-me um pouco insegura e, em dívida com eles, por não conseguir estabelecer relações fiéis entre os conceitos teóricos e a prática profissional. É inquestionável, portanto, que professores que trabalham fora da Universidade, exercendo o ofício a que os alunos em breve irão dedicar-se, enriquecem as disciplinas. Os exemplos mostrados nas aulas podem vir do seu fazer diário. Com a sabedoria de quem muito caminhou, eles sabem onde estão os espinhos e podem indicar aos alunos onde pisar com mais segurança. Esses

professores podem ainda, com seus contatos profissionais e influência, ter atuação fundamental no encaminhamento das carreiras dos alunos, principalmente, dos bons alunos. Por outro lado, há o risco de se restringir a visão dos alunos a uma única prática e a uma única opinião entre as muitas que devem conhecer sobre um determinado assunto.

Além disso, a vida dupla profissional-professor é extremamente exigente e, muitas vezes, é necessário priorizar um dos papéis. Por exemplo, não consigo imaginar um cirurgião deixando um paciente seu, em estado crítico, ser operado por outro colega porque está na hora de sua aula. Isso vale também para o pesquisador-professor que, mediante um *deadline* de um edital para obter recursos financeiros ou de um congresso importante, sente-se tentado a deixar seus alunos esperando. Há perdas também, quando ocorre o inverso. Por exemplo, quando não se é genial como César Lattes e a docência torna-se prioridade, o professor-pesquisador corre grande risco de ser banido para sempre do encantador reino científico onde a lei principal, para não dizer única, é: *publish or perish*. E escrevo em inglês mesmo porque é a língua oficial desse reino onde os alunos de graduação constituem, para os grandes egos da ciência, a casta mais inferior e deplorável.

Alguém pode dizer que, se a pessoa gerenciar eficientemente seu tempo, pode perfeitamente atender a todas as exigências das duas carreiras de forma adequada. Eu questiono esse argumento. Creio que tudo depende do que se considera serem "todas as exigências". Questiono até que ponto o profissional-professor ou pesquisador-professor consegue mergulhar nos aspectos didáticos e pedagógicos para, realmente, preparar uma aula de qualidade, preparar uma avaliação adequada, refletir sobre sua ação docente, aprimorá-la e acompanhar o aprendizado dos alunos.



Questiono, ainda, o quanto profissionais-professores ou pesquisadores-professores realmente leem, refletem, atualizam-se sobre temas relacionados ao ensino propriamente dito. É inconcebível que um pesquisador não esteja constantemente estudando sobre os assuntos científicos, que um advogado não esteja atualizado sobre mudanças na legislação, que um cirurgião não esteja sempre participando de cursos para aprender as mais novas técnicas desenvolvidas. Por que, então, é perfeitamente aceitável que os professores de Ensino Superior desconheçam completamente autores, pesquisas e tecnologias que poderiam auxiliá-los no bom desempenho de seu papel de professor?

O tempo é um cobertor curto...

Talvez por esse motivo, em outros países, a situação seja bem diferente da apresentada aqui. Um colega, também autor deste livro, em visita a uma universidade na Espanha, deparou-se com o espanto de um professor ibérico de Direito: "Você **também** advoga?". Na Alemanha, convivi com pesquisadores e pesquisadores-professores. O primeiro grupo dedicava-se totalmente à pesquisa, esse era seu ofício, não entravam em sala de aula. O segundo tinha uma carga horária pífia em sala de aula. Por exemplo, meu orientador lecionava ao longo de um semestre o mesmo número de horas que, em média, lecionamos aqui em uma semana. Uma pesquisadora-professora canadense, em visita à nossa universidade, surpreendeu-se ao saber que nossa carga horária letiva mínima corresponde quase ao triplo da sua.

Não tenho dados para comprovar, mas imagino que a qualidade das tarefas lá executadas acaba sendo mais alta